




*Novos Cadernos NAEA*

v. 26, n. 2 • maio-ago. 2023 • ISSN 1516-6481/2179-7536



# **CRISE DOS PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS, AMAZÔNIA E UNIVERSIDADE**

**CRISIS OF CIVILIZING PROCESSES,  
AMAZONIA AND UNIVERSITY**

**Martín Aveiro**  

Universidad Nacional del Sur (UNS), Bahía Blanca, Argentina

## RESUMO

Nós propomos repensar o projeto universitário de Darcy Ribeiro no momento atual de crise dos processos civilizatórios e do retorno da rota transamazônica, começada pela ditadura brasileira, entre os anos sessenta e setenta, cujo lema era: “uma terra sem homens para homens sem-terra”. Nesse sentido, precisamos revisar a concepção dos sujeitos intervenientes e, ao mesmo tempo, compreender as fissuras da modernidade, dos processos civilizatórios que transformaram a Amazônia até a atual revolução 4.0, como nova modalidade de capitalismo desumanizador e excludente. Pois bem, aos danos ambientais, causados pela depredação dos recursos naturais, junta-se à ausência de um modelo universitário que dê respostas às urgentes necessidades sociais naquela região do planeta, de uma imensa riqueza natural e, ao mesmo tempo, das maiores desigualdades do Brasil. Por isso, a partir de uma releitura interpretativa dos textos do intelectual, que realizou suas primeiras tarefas como antropólogo junto aos indígenas amazônicos, Nós nos fazemos a pergunta que ele mesmo fez: universidade, para quê?

**Palavras-chave:** processos civilizatórios; Amazônia; universidade; Darcy Ribeiro.

## ABSTRACT

We propose to rethink the university project of Darcy Ribeiro at the current moment of crisis of the civilizing processes and return of the trans-Amazonian route, initiated by the Brazilian dictatorship between the sixties and seventies, whose motto was: “a land without men for men without land”. In this sense, it is necessary to review the conception of the intervening subjects and, at the same time, understand the cracks of modernity, of the civilizing processes that transformed the Amazon until the current revolution 4.0, as a new modality of dehumanizing and excluding capitalism. Well, to the environmental damage, caused by the depredation of natural resources, is added the absence of a university model that, of answers to the urgent social needs in that region of the planet, of an immense natural wealth and, at the same time, of the greatest inequalities in Brazil. For this reason, from an interpretative rereading of the texts of the intellectual, who developed his first tasks as an anthropologist with the Amazonian indigenous people, we ask ourselves the question that he himself asked: university, for what?

**Keywords:** civilizing processes; Amazon; university; Darcy Ribeiro.

## 1 INTRODUÇÃO

A primeira árvore para a construção da BR-230, conhecida como Rodovia Transamazônica, foi derrubada em outubro de 1970 com o objetivo de colonizar a floresta: “uma terra sem homens para homens sem-terra” (TRANSAMAZÔNICA..., 2020). Assim, a ditadura militar abria caminho para “integrar” o Brasil e unir a Paraíba com Lima, no Peru, com a suposta finalidade de libertar os nordestinos da seca e fazer um corredor entre o Atlântico e o Pacífico. No entanto, nenhum desses propósitos se cumpriu, mas os caboclos<sup>1</sup> foram deslocados para passar fome na Amazônia e os indígenas, “não-homens”, segundo os militares e civis colaboradores do desmatamento, ficaram sem suas terras, sem seus costumes, sem suas línguas. O outro efeito, foi a destruição da ecologia na nossa “casa comum”. Nesse sentido, diz o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, de 2015:

Los ecosistemas de las selvas tropicales tienen una biodiversidad con una enorme complejidad, casi imposible de reconocer integralmente, pero cuando esas selvas son quemadas o arrasadas para desarrollar cultivos, en pocos años se pierden innumerables especies, cuando no se convierten, en áridos desiertos. Sin embargo, un delicado equilibrio se impone a la hora de hablar sobre estos lugares, porque tampoco se pueden ignorar los enormes intereses económicos internacionales que, bajo el pretexto de cuidarlos, pueden atentar contra las soberanías nacionales. De hecho, existen “propuestas de internacionalización de la Amazonia, que sólo sirven a los intereses económicos de las corporaciones transnacionales” (FRANCISCO, 2015, p. 29)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> “A população neobrasileira da Amazônia formou-se também pela mestiçagem de brancos com índias, através de um processo secular em que cada homem nascido na terra ou nela introduzido cruzava-se com índias e mestiças, gerando um tipo racial mais indígena que branco [...] Desse modo, ao lado da vida tribal que fenecia em todo vale, alçava-se uma sociedade nova de mestiços que constituiria uma variante cultural diferenciada da sociedade brasileira: a dos caboclos da Amazônia. Seu modo de vida, essencialmente indígena enquanto adaptação ecológico-cultural, contrastava flagrantemente, no plano social, como o estilo de vida tribal” (RIBEIRO, 2002, p. 316).

<sup>2</sup> Tradução nossa: “Os ecossistemas das florestas tropicais possuem uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de ser totalmente reconhecida, mas quando essas florestas são queimadas ou arrasadas para o desenvolvimento de cultivos, em poucos anos inúmeras espécies se perdem, quando não são convertidas, em desertos áridos. No entanto, é preciso um delicado equilíbrio ao falar desses lugares, pois não se pode ignorar os enormes interesses econômicos internacionais que, a pretexto de cuidar deles, podem ameaçar as soberanias nacionais. De fato, existem ‘propostas de internacionalização da Amazônia, que atendem apenas aos interesses econômicos de corporações transnacionais’”.

Porém, para os militares – que tiraram da presidência Jango<sup>3</sup> e, junto com ele, Darcy Ribeiro, Ministro da Casa Civil –, a Amazônia era um lugar a se desenvolver e que tinha ficado na pré-história. Esse foi o projeto transamazônico, colocado em prática no governo do general Emílio Garrastazu Médici, entre os anos de 1969 e 1974, que pretendia conquistar a selva e negar o outro/a, não-homem e não-mulher. Nos últimos tempos, um discurso semelhante veio à tona no governo de Jair Bolsonaro, que negou à região amazônica o caráter de patrimônio da humanidade (BOLSONARO..., 2019).

Figura 1 – Queimada registrada na cidade de Novo Progresso, no estado do Pará, às margens da BR-163. A imagem foi produzida em outubro de 2022, às vésperas das eleições presidenciais



Fonte: Pedrosa Neto (2022).

Por isso, é tão importante recuperar o pensamento de um antropólogo como Darcy Ribeiro que, além da sua defesa dos povos indígenas, elaborou o projeto de construção da Universidade de Brasília (UnB) para o Brasil e, mais tarde, já no exílio, outras tantas universidades na América Latina. Nesta oportunidade, vamos nos centrar, a partir de análises dos discursos e do pensamento decolonial (MIGNOLO, 2008; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2019), numa releitura dos textos do intelectual brasileiro. A fim de pensar, desde

<sup>3</sup> João Belchior Marques Goulart (São Borja, 1918 – Corrientes, 1976), foi presidente do Brasil entre os anos 1961 e 1964. Tinha sido ministro do trabalho com Getúlio Vargas e presidente do Partido Trabalhista Brasileiro. Também foi vice-presidente de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros que, finalmente, desistiu do mandato, assumindo em seu lugar Jango (apelido de João Goulart).



as periferias, as universidades na nova ordem mundial, com a chegada da transformação termonuclear e a quarta revolução industrial, que muda as coordenadas desde as quais foram organizadas as instituições da educação superior, com base nos arquétipos europeus. Especialmente, na região amazônica, uns dois maiores centros geopolíticos de recursos naturais do planeta.

Os sintomas da crise dos processos civilizatórios, que deram forma às nossas sociedades, são as multidões de excluídos do sistema, sem trabalho fixo, sem direitos, sem possibilidade alguma de ascensão social. Antes, as universidades tinham sido um instrumento que alcançou às as classes médias da Argentina e do Brasil. No entanto, agora, parte desses setores sociais, as classes médias, caíram na pobreza e se encontram com os negados, ignorados, marginalizados, para quem já não são suficientes as favelas, as cadeias, os hospitais, as escolas e cuja luta é pela sobrevivência. Então, nós voltamos a fazer a pergunta que fez Darcy Ribeiro, em 1986, quando voltou para a reinauguração democrática da UnB, que ele próprio criou, em Brasília: “Universidade para quê?. É impossível desviarmos dessa pergunta. Sim, de fato, queremos voltar nossos olhares para o lugar onde repousam nossos privilégios de professores e pesquisadores universitários, pois:

Ciência falsa e mediocridade nada são, nada podem. No caso da universidade, este desafio científico aponta para o dever de evitar que se cultive um saber fútil, inútil. Que seja esse saber de brincadeira de tantos acadêmicos universitários, em que um escreve para o outro (RIBEIRO, 1986, p. 20).

## 2 CRISE DOS PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS E REVOLUÇÃO 4.0

Darcy Ribeiro chamava de processos civilizatórios àqueles acionados pela revolução tecnológica que permitiu a navegação oceânica estabelecendo os fundamentos do primeiro sistema econômico mundial e interrompendo o desenvolvimento autônomo de nossos povos latino-americanos. Nesse sentido, as populações conquistadas, a partir do final do século XV pelos europeus, não existiam para si, senão para seus conquistadores que as transfiguraram ecologicamente, econômica e culturalmente, e as infetaram com suas epidemias ou pandemias, retirando-lhes até o desejo de viver (RIBEIRO, 2002).

No século XX, no horizonte de Darcy Ribeiro, antes de sua partida, surgia no horizonte uma nova revolução tecnológica que ameaçava

mais radicalmente a sobrevivência, encarnada no discurso neoliberal da globalização (AVEIRO, 2015). Esse futuro chegou com a revolução 4.0 que acabava sendo um sistema ejetor de mão de obra barata, gerador de exclusão, depredação do meio ambiente e dos recursos naturais.

Desta forma, transitamos numa crise civilizatória que afeta a humanidade e seu entorno ambiental com a perda da sua diversidade e o aquecimento global, que junto aos problemas sanitários impactam na economia gerando uma maior desigualdade. Como se fosse pouco, ainda sem sair das consequências do Coronavírus, voltamos a ter um cenário de guerra geopolítica de potências mundiais que reeditam a divisão da terra entre Oriente e Ocidente, pondo em risco a espécie humana com a possibilidade de um conflito nuclear.

Assistimos à quarta revolução industrial: a primeira foi no fim do século XVIII e começo do XIX sob a máquina a vapor; a segunda, da energia e dos combustíveis, com sua divisão do trabalho; a terceira, da informatização e automatização desde a década de setenta até hoje, na era da conectividade e os telefones inteligentes; a última, 4.0, é da hiperconectividade (a internet das coisas, o *big data*, a impressora 3D, *fintech*, *sharing economy*, Uber, *Bitcoin*, *delivery*, carteira virtual, capacitação a distância etc.).

A questão é que entre a primeira e a segunda revolução industrial surgiram sujeitos de discurso e de conhecimento nas universidades para dar resposta ao mercado de trabalho: o profissional, o especialista e o trabalhador. Sua lógica de ensino estava orientada para aqueles sujeitos, seja para sua dominação ou para sua emancipação, os demais ficavam fora da Razão da Modernidade. Mas esse desenho moderno-ocidental das nossas sociedades parece esgotado, nem todos cabem nele. Os deslocados nas periferias, cada dia que passa se somam para conformar um novo sujeito social, longe das universidades, de seus saberes e de suas soluções. Com o Coronavírus eles perderam ainda o pouco que tinham, mas outros, os reduzidos donos das *high tech*, ganharam muito. Eles são os chamados de grupo GAFAM: Google, Apple, Facebook e Amazon. A revolução 4.0 é a sociedade de programação ou capitalismo de plataformas, onde os algoritmos e a informação permitem controlar às pessoas, manipulando seus desejos (ROITMAN, 2021).

Além de que Darcy Ribeiro viveu numa grande exposição midiática, mas não chegou a conhecer as novas tecnologias da comunicação. Ele foi aos territórios indígenas com suas pesquisas antropológicas, hoje o espaço deles pode ser visitado pelo Google Earth; seus costumes podem ser lidos no Wikipédia, suas histórias são contadas no YouTube ou Netflix. Tudo isso

instantaneamente, sem necessidade de atravessar selvas, rios e sem perder tempo em compreendê-los, escutá-los, tentando cruzar essa linha que separa a “civilização” da “barbárie”. Mas, porque este homem que consegue se antecipar ao futuro, sem deixar de se aprofundar nos ancestrais indígenas, propunha universidades pelos lugares que ele visitou? Não era contraditório quase justificar o barbarismo indígena contra a moderna civilidade e, logo, tentar organizar a instituição principal da ciência moderna? Pode ser, Darcy Ribeiro era uma figura de contradições, não as negava, zombava das suas peles que “mudam como as cobras” igual que as suas profissões: antropólogo, educador, político e escritor (DORIGÃO, 2015; AVEIRO, 2018a). Em *Utopía Salvaje*, dizia: “Pero no piense el lector que abogo por el retorno a la Barbarie. Lejos de mí tamaño disparate. Lo que tengo es una nostalgia incurable de un mundo que bien podía ser, pero jamás fue y no sé cómo sería, y si lo supiera no lo diría” (RIBEIRO, 1995, p. 175)<sup>4</sup>.

Na verdade, ele argumentava que desfazer a sociedade para refazê-la, era como “desarmar una vaca y volver a armarla, capaz de mugir y dar buena leche” (RIBEIRO, 1995, p. 176)<sup>5</sup>. Por isso, seus objetivos eram mais práticos, pois tinha claro que não existiria modelo de universidade sem projeto de país, sem correlação de forças que permitissem sua construção. O golpe de Estado de 1964, no Brasil, foi uma aprendizagem para Darcy Ribeiro, também seu exílio e o retorno ao país. Atualmente o que Darcy Ribeiro poderia dizer aos intelectuais, pesquisadores, professores e autoridades das universidades? Talvez, que a realidade é superior às ideias:

Esto supone evitar diversas formas de ocultar la realidad: los purismos angélicos, los totalitarismos de lo relativo, los nominalismos declaracionistas, los proyectos más formales que reales, los fundamentalismos ahistóricos, los eticismos sin bondad, los intelectualismos sin sabiduría (FRANCISCO, 2019, p. 162)<sup>6</sup>.

Então, esse é o nosso tempo e é com ele, e não negando O, que podemos imaginar uma universidade que dê respostas concretas às necessidades brasileiras e da América Latina.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Mas o leitor não deve pensar que defendo um retorno à barbárie. Longe do meu tamanho absurdo. O que tenho é uma saudade incurável de um mundo que bem podia ser, mas nunca foi e não sei como seria, e se soubesse não o diria”.

<sup>5</sup> Tradução nossa: “desarmar uma vaca e recompô-la, capaz de mugir e dar bom leite”.

<sup>6</sup> Tradução nossa: “Isso significa evitar diversas formas de ocultar a realidade: purismos angélicos, totalitarismos do relativo, da declaração nominalista, projetos mais formais que reais, fundamentalismos a-históricos, eticismos sem bondade, intelectualismos sem sabedoria”.

### 3 PROJETO TRANSAMAZÔNICO

Perante o avanço da modernidade, a mata amazônica foi um refúgio para os indígenas com suas sabedorias milenares de se adaptar à floresta. Mas, para a ditadura militar, as selvas eram um obstáculo que eles deveriam derrubar para convertê-la em pastagens e plantios comerciais, e chegou a subsidiar grandes empresários estrangeiros com esse objetivo. Além do fracasso, esse empreendimento deixou uma população cabocla engolfada na miserabilidade e explorada pela ocupação do extrativismo vegetal e mineral (RIBEIRO, 2002).

Para a concreção desse empreendimento, junto com a BR-230 – que trasladou pessoas da seca nordestina e tentava unir o leste com o oeste do país –, na década de 1970, teve início as obras da BR-163, que cruzava de sul a norte a região, acabando em Santarém, no Pará. O último trecho a ser pavimentado foi no governo de Bolsonaro (2018-2022), com o Batalhão de Engenharia do Exército, em nome do “progresso dos grãos”, do agronegócio (BRAVURA..., 2021; BR-163..., 2020):

Sobre os caboclos vencidos caíram duas ondas de violência. A primeira veio com a extraordinária valorização da borracha no mercado mundial, que os recrutou e avassalou, lançando simultaneamente sobre eles gentes vindas de toda parte para explorar a nova riqueza. Nessa instância, perderam sua língua própria, adotando o português, mas mantiveram a consciência de sua identidade diferenciada e o seu modo de vida do povo da floresta. A segunda onda em nossos dias com a nova invasão da Amazônia pela sociedade brasileira, em sua expansão sobre aquela fronteira florestal. Seu efeito maior tem sido o desalojamento dos caboclos das terras que ocupavam, expulsando mais de metade deles para a vida urbana famélica de Belém e Manaus. Os índios que sobreviveram já aprenderam a resistir ao avassalamento. Os caboclos, não (RIBEIRO, 2002, p. 319-320).

Essa pretensão de ordem e progresso no Brasil, que começa no século XIX, tinha sido quebrada pela Cabanagem<sup>7</sup>: “propondo fazer-se uma outra nação, a dos cabanos, que já não eram índios, nem eram negros, nem lusitanos e tampouco se identificavam como brasileiros” (RIBEIRO, 2002, p. 321). Uma autêntica e legítima insurreição popular dos excluídos da região, cansados da sua exploração que, finalmente, foi vencida por não ter um projeto alternativo de ordenação social. Depois daquela

<sup>7</sup> A Cabanagem foi uma das revoltas populares mais violentas do período que aconteceu no Grão Pará, entre os anos 1835 e 1840, causada pela grave situação econômica e social na região.



rebelião, a expansão extrativista dos seringais, com mão de obra sertaneja, principalmente, transformou Belém na quarta cidade mais populosa do Brasil, desenvolvimento interrompido pela Primeira Guerra Mundial. A economia de Belém tentou se reorganizar logo após a Segunda Guerra Mundial, mas não conseguiu. Ainda hoje, seu desenvolvimento é um dos maiores desafios para o país com diversos conflitos na região. Por exemplo, as ações dos garimpeiros e das grandes empresas multinacionais mineradoras, que envenenam as águas, os peixes e os ribeirinhos, como acontece na cidade de Barcarena, no estado do Pará, com a produção de alumínio a partir da extração de Bauxita e Caulim (BARROS, 2014)<sup>8</sup>. A rebelião cabana começou contra a apropriação privada dos recursos públicos, do mesmo modo que em Barcarena<sup>9</sup>, pelos fazendeiros da região. Fator que gerou ressentimentos profundos e duradouros que permanecem até hoje no imaginário coletivo sob a Cabanagem (PINHEIRO, 2009).

Em uma das tantas homenagens póstumas a Darcy Ribeiro, em 1997 o Instituto Indigenista Interamericano do México apresentou vários de seus textos antropológicos. Um deles, “O índio e o brasileiro”, reflete sobre o governo cabano e a maior matança da história brasileira, onde foram assassinados mais de cem mil caboclos logo depois de conseguirem tomar as cidades de Belém e outras da região amazônica pela incapacidade de se tornar um povo – nação. Reflexão que empreendeu quando deixou suas tarefas de antropólogo indigenista para se envolver na educação e na criação da UNB no começo da década de 1960.

Foi quando ingressou na política do país e no tratamento dos problemas nacionais, no governo de Goulart, deposto pela intervenção militar que o mandou para o exílio. Na saída forçada do seu país, primeiro no Uruguai, seu olhar se estendeu, converteu-se em latino-americano. Também aprendeu que a ciência que ele cultivou não servia de muita coisa: “[...] los científicos como yo estamos preparados para hacer investigaciones perfectas sobre temas perfectamente inútiles” (RIBEIRO, 1997, p. 79)<sup>10</sup>.

Desde então, Darcy Ribeiro começou a pensar nos processos civilizatórios com uma perspectiva não eurocentrista que culmina, segundo

<sup>8</sup> “A área definida para a instalação do complexo industrial produtor de alumínio em Barcarena, localizado a 7km da sede do município, ocupa 40.000ha.” (NAHUM, 2008, p. 73).

<sup>9</sup> “O Estado assume, então, papel de avalista da internacionalização dos interesses externos, representados na Amazônia, dentre outros, pelos grandes projetos e empreendimento minero-metalúrgicos e hidroelétricos” (NAHUM, 2008, p. 67).

<sup>10</sup> Tradução nossa: “[...] cientistas como eu estão preparados para fazer pesquisas perfeitas sobre temas perfeitamente inúteis”.

Andrés Kozel (2018), na publicação de *O Povo Brasileiro* (1995), continuidade e, ao mesmo tempo, superação da série *O processo civilizatório: da revolução agrícola à termonuclear* (1968), *As Américas e a civilização: processo de formação e problemas de desenvolvimento desigual dos povos americanos* (1969), *Os índios e civilização* (1970), *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes* (1971) e, *Os brasileiros: teoria do Brasil* (1972). No último livro, *O Povo Brasileiro*, depois do exílio e quase no final da sua vida, ele analisa as próximas revoluções tecnológicas brotando de uma nova civilização. Por fim, é preciso enfrentá-la com a nossa originalidade periférica, numa cultura própria: “Melhor que as outras, porque lavada em sangue negro e em sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais alegre e mais feliz” (RIBEIRO, 2002, p. 265).

#### 4 ENTÃO, UNIVERSIDADE PARA QUÊ?

Próximo onde hoje se cruzam a BR-230 e a BR-163, para a suposta integração da Amazônia na República do Brasil, nos arredores de Santarém-PA, começou, no século XIX, a Cabanagem, uma das rebeliões mais importantes dos excluídos que chegaram a tomar o poder no Grão Pará. Primeiramente com o impulso do cônego João Batista Campos até sua morte, em 1834, que, no Baixo Amazonas, gerou “um sentimento regionalista de causa política, na medida que as classes infames e bastardas passaram a se unificar em prol de um mesmo ideal: o acesso a direitos políticos, o acesso à terra e o acesso à liberdade” (SILVA DE MELO, 2015, p. 74). Mas a heterogênea Cabanagem conseguiu se estabelecer no poder ostentado pelo colonizador sem lograr uma unidade de concepção para a resolução dos problemas que levasse sua revolução a termo. Tarefa que poderia ser designada entre outras, na atualidade, às universidades na procura de que a sociedade de certo.

Por exemplo, e ressalvadas as distâncias, quando Darcy Ribeiro é convidado para a fundação do sistema universitário argelino, na independência do governo francês, ele pôs o acento nas ciências humanas em tanto expressão do pensamento nacional: “Estas son vistas como el conjunto de conocimientos indispensables para planificar el desarrollo y asimilar la cultura y las ciencias occidentales, despojándolas del fuerte matiz colonialista” (VILLEGAS, 1992, p. 69)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Tradução nossa: “Estes são vistos como o conjunto de conhecimentos essenciais para planejar o desenvolvimento e assimilar a cultura e as ciências ocidentais, despojando-as da forte nuance colonialista”.

Do mesmo jeito tinha-se expressado antes o psiquiatra antilhano-argelino Frantz Omar Fanon, para quem o processo de humanização é o eixo central da descolonização e des-aprendizagem da cultura branca na população negra da Argélia. Uma ciência nova na reinvenção da existência, pondo no centro a questão humana. Uma razão outra que dê licença aos negros, por si mesmos, querer deixar de ser brancos de costumes francesas e assumam sua condição de negritude como aspectos positivos da libertação (WALSH, 2013). Assim, as humanidades em um conceito da sociedade nacional repensam as ciências da natureza e as tecnologias em função das suas necessidades prioritárias e faz-se inadmissível sua separação (VILLEGAS, 1992).

Agora, voltamos para a pergunta: universidade, para quê? Pois bem, tentemos algumas respostas. Pode ser para dar unidade a esses conhecimentos, humanos e científicos em suas diversidades, que nos permitam refazer as nossas sociedades, reaprendê-las e transformá-las de acordo com um plano superior de desenvolvimento social e libertação nacional. Um outro exemplo, foi o caso da universidade peruana, no contexto da presidência de Juan Velasco Alvarado, que tinha como objetivo supremo o de contribuir com o desenvolvimento pleno, autônomo, auto-sustentável e solidário da nação. Ali, as humanidades aportam as metodologias para a compreensão própria e rigorosa de seu ser e de seus condicionamentos em um povo testemunho<sup>12</sup>: “Esto quiere decir que no se ha formulado jamás, ni podrá formularse, un discurso definitivo y susceptible de aplicación universal. Cada pueblo, cada civilización, en cada momento de su existencia histórica, se enfrenta al desafío de reelaborar su discurso” (RIBEIRO, 1974, p. 222)<sup>13</sup>.

Mesmo assim, se apresentam situações distintas das insurreições amazônicas do século XIX e das realidades dos excluídos do século XXI. Nestes casos, no passado e no presente, temos uma multidão marginalizada fora do sistema que ameaça desmoronar. Frente a eles, o capitalismo já tem suas armas de guerra, químicas e virtuais para combater. Por sua parte, a

---

<sup>12</sup> Os povos testemunho, como o peruano, são para Darcy Ribeiro aqueles que: “están integrados por los sobrevivientes de altas civilizaciones autónomas que sufrieron el impacto de la civilización europea [...] Mantienen aún hoy dentro de sí el conflicto entre la cultura original y la civilización europea” (RIBEIRO, 1985, p. 110). Tradução nossa: “Eles são constituídos pelos sobreviventes de altas civilizações autônomas que sofreram o impacto da civilização europeia [...] Ainda guardam em si o conflito entre a cultura originária e a civilização europeia”.

<sup>13</sup> Tradução nossa: “Estes são vistos como o conjunto de conhecimentos essenciais para planejar o desenvolvimento e assimilar a cultura e as ciências ocidentais, despojando-as da forte nuance colonialista”.

hidra cabana volta a bater na Amazônia<sup>14</sup>, na memória coletiva, de aqueles: “[...]criminosos, rebeldes para as autoridades, mas patriotas, valentes para o povo marginal, que é a maioria” (SILVA DE MELO, 2015, p. 247).

Já não é o proletariado que exige ingressar nas universidades para sua mobilidade social, é um conjunto enorme de pessoas que precisam do mínimo para sua subsistência. A universidade não só não foi pensada para eles, senão nem sequer tem respostas certas para resolver seus problemas porque sua concepção ficou ancorada na modernidade europeia, a esquerda e direita. Precisa se reinventar novamente numa terceira reforma universitária. A primeira foi no começo do milênio com a Reforma de Córdoba em 1918, a segunda nos sessenta e setenta impulsionadas pelas ideias de Darcy Ribeiro, a terceira tem que vir no futuro ou a universidade deixará de ter sentido para os setores populares.

## 5 ECOLOGIA INTEGRAL E UNIVERSIDADE

É urgente uma mudança de vida, de estilo de vida, no cuidado da casa comum, nossa terra, nossa Amazônia. Não é suficiente reformar as velhas ferramentas da razão tecnocrática, instrumental e colonial, é preciso uma razão outra, um paradigma outro. A razão tem que deixar de estar ao serviço da apropriação da natureza, da utilização dos recursos humanos, da eliminação dos outros. Darcy Ribeiro retoma a experiência de Chico Mendes, no estado do Acre, que custou sua morte em 1988, de apontar para fazer a floresta habitável e rendosa (RIBEIRO, 2002).

Esse é o maior desafio das universidades de nossos tempos, pensar uma nova economia que inclua e harmonize as relações humanas com uma ecologia integral: “No hay dos crisis separadas, una ambiental y otra social, sino una sola y compleja crisis socio-ambiental” (FRANCISCO, 2015, p. 103)<sup>15</sup>. Os problemas ecológicos existem interconectados e precisam de respostas interconectadas para sua abordagem. Assim foram organizados os estudos por áreas e departamentos e não em cátedras isoladas:

---

<sup>14</sup> “Segundo a mitologia grega, a ‘hidra’ era a filha dos monstros Tifão e Equidna, e foi criada a mando da deusa Hera para matar o semideus Hércules, filho de Zeus. Nas narrativas mitológicas a hidra seria um animal com corpo de dragão e sete (em alguns casos nove) cabeças. Em combate, se tivesse uma das cabeças cortadas, nasceriam duas no mesmo lugar” (SILVA DE MELO, 2015, p. 215).

<sup>15</sup> Tradução nossa: “Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental”.

La unidad fundamental de las Áreas Básicas y de las Áreas Profesionales no deberán ser la Cátedra, sino el Departamento, estructurado como la unidad operativa responsable de la enseñanza, la investigación y la extensión en cada campo autónomo del saber, integrando para esto, en un solo equipo, todo el personal docente, como la infraestructura de sostén de las Áreas (RIBEIRO, 1974, p. 108)<sup>16</sup>.

Por outro lado, as diferenças entre a Reforma de 1918 e as impulsionadas por Darcy Ribeiro tinham a ver com a ressignificação da autonomia para que não seja a justificativa de que não sirva ao povo que a mantém; do cogoverno, para que não se transforme em uma representação arrogante da elite universitária, contrária aos interesses da maioria da população; e na incorporação massiva da juventude ao ensino superior (AVEIRO, 2011, 2015, 2018b; TÜNNERMAN, 2008). Ao mesmo tempo, deixar de ser o reduto de treinamento dos “cachorros do sistema”, o útero no qual se reproduz a classe dirigente em cursos que os qualificam para não ser povo. Para ele, essa era a maior eficiência das universidades: converter as pessoas em “não-povo” (RIBEIRO, 1972, 1978).

Bem, no século XXI, o sujeito social é outro daquele dos sessenta e setenta. Foi atravessado por ditaduras, pelo neoliberalismo, por novas tecnologias e a exclusão na reconversão do capitalismo e do mundo do trabalho. Em consequência, o pensamento também tem que mudar, talvez se completar na obra truncada que interrompeu os cortes autoritários ou os refúgios individualistas da pós-modernidade. Nesse sentido, por que não pensar nas fronteiras da civilização, na geopolítica periférica do Brasil? Sair dos centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba e entrar no aquífero amazônico para deslocar o conhecimento:

El pensamiento fronterizo, desde la perspectiva de la subalternidad colonial, es un pensamiento que no puede ignorar el pensamiento de la modernidad, pero que no puede tampoco subyugarse a él, aunque tal pensamiento moderno sea de izquierda o progresista. El pensamiento fronterizo es el pensamiento que afirma el espacio donde el pensamiento fue negado por el pensamiento de la modernidad, de izquierda o de derecha (MIGNOLO, 2011, p. 51)<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> “A unidade fundamental das Áreas Básicas e das Áreas Profissionais não deve ser a Cátedra, mas o Departamento, estruturado como a unidade operacional responsável pelo ensino, pesquisa e extensão em cada área autônoma do conhecimento, integrando para isso, em um único equipe, todo o corpo docente, como a infra-estrutura de apoio das Áreas” (RIBEIRO, 1974, p. 108).

<sup>17</sup> Tradução nossa: “O pensamento fronteiriço, na perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas também não pode ser subjugado a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento de fronteira é o pensamento que afirma o espaço onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita”.

Seria quase impossível abranger a totalidade da Amazônia com sua biodiversidade e multiplicidade cultural ou histórica. De qualquer forma, podemos começar reconhecendo um dos fatos mais importantes de seu extremo norte: o governo cabano. Pois foi o momento em que, depois de derramar o sangue de João Batista Campos, em Barcarena, no nordeste paraense, ribeirinhos, pequenos agricultores, negros escravizados ou libertos, pequenos comerciantes e indígenas tomaram o poder do Pará (EVANDER; TORII, 2021).

Mas a questão é: o que fazer com o poder? As elites sabem bem o que fazer com ele, como administrá-lo, como defender seus interesses, como conseguir seus objetivos, seus filhos foram formados para isso. Formados por quem? Pelas universidades. Por isso, a motivação para a criação da UnB de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro em Brasília, fora das disputas entre Rio de Janeiro com São Paulo, foi pensar em um Brasil para os brasileiros no centro do território nacional. Mas, atualmente, é preciso deslocar mais uma vez aquele poder central, sair do meio e ir para as margens. Sobretudo, naquela região, o Outro Brasil, situada nas fronteiras do lado de fora da civilização do país “moderno”.

Há mais de 4 séculos os governos do Brasil vêm procurando mudar os povos e as culturas da Amazônia, numa incansável tentativa de transformar essa enorme região, para moldá-la à fantasia dos sucessivos governos, em total desrespeito às características específicas daquela que é talvez, a mais bela, rica e, por isto mesmo, a mais cobiçada região do planeta (LOUREIRO, 2019, p. 201).

Segundo a pesquisa da socióloga amazônida Violeta Refkalefsky Loureiro (2019), na interessante coletânea organizada pela pesquisadora Edna Castro (2019), o estado do Pará, apesar da sua riqueza mineral, apresenta um dos piores PIB *per capita* do país. A Amazônia, em geral, recebeu em seu lugar a transferência da pobreza de outros estados e sua população cresceu no intervalo de apenas 60 anos de 2.930.005 habitantes para 25.474.139 só em 2010. Além disso, a mesorregião de Marajó é considerada endêmica pela concentração de doenças como malária, raiva ou doença de Chagas. Por isso mesmo que a especificidade de seus territórios precisa de abordagem diferenciadas, que fogem dos padrões e enquadramentos teóricos das outras universidades (CARMO, 2019).

Os problemas do extrativismo minerador se somam ao agronegócio, principalmente da soja, e à criação de gado que produzem as queimadas da floresta, além da contaminação com agrotóxicos, que são transportados



de Cuiabá a Santarém pela BR-163 para descarregar no rio Tapajós (CASTRO, 2019). Os conhecimentos que se produzem nas instituições de pesquisas e universidades não estão isentos disso, são também coniventes e responsáveis, por ação ou omissão. Qual é o saber que atravessa os discursos dos intelectuais? Qual é o impacto desse saber nos territórios? Para que as universidades? Qual é o sentido da sua presença nos territórios que habitam? Que fazem nossos intelectuais, com o privilégio de estar onde o outro nem sequer pensa poder um dia estar?

## 6 CONCLU-AÇÃO

Logicamente, o mundo em que viveu Darcy Ribeiro não é nosso mundo, que é tão assustador como aquele, porém, mais terrível. Ele só conseguiu se antecipar para o futuro, se antecipou a crise dos processos civilizatórios. É tarefa dos intelectuais, professores, pesquisadores, estudantes, cientistas, continuar com a suas reflexões e ações. Em consequência, não cabe dúvida nenhuma que, hoje, a Amazônia é um dos lugares mais afetados na ecologia do planeta terra, pela voracidade do capitalismo, e que é urgente fazer uma reforma nas universidades da região a serviço do povo. Pois, como sabemos, foi em Manaus, e não foi no Paraná nem em São Paulo ou Rio de Janeiro, que nasceu a primeira universidade em território brasileiro no ano 1909 (TUFFANI, 2009).

Não é aqui, por questão de espaço, o lugar para se refazer a história das universidades amazônicas – e acho que teríamos que estar lá para realizar–, mas seria bom nos perguntarmos: o que aconteceu com seus graduados em mais de cem anos de vida acadêmica? Médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, agrônomos, economistas, etc.. Ou a universidade não tem a ver com o que acontece na Amazônia? Sabemos que a ciência e os investimentos foram atacados pelo governo Bolsonaro, mas isso não tem que nos fazer perder de vista os fatos da realidade. Como já experimentamos, o problema das universidades latino-americanas não é só uma questão de recursos.

Essas questões são urgentes nesse contexto, porque se a experiência da UnB foi interrompida pela ditadura de 1964, a Amazônia também sofreu suas consequências e esse projeto voltou com todas suas forças, já não pelas armas, senão pelos eleitores. Depois do exílio, como mostram Adélia Miglievich-Ribeiro e Edison Romera (2018), Darcy Ribeiro se dedicou, além

de “remendar” universidades, a tentar localizar a América Latina na história feita por europeus para europeus nas chaves da modernidade. Mas esse esforço não foi suficiente, pelo visto.

Uma nova ordem mundial colonizadora aprofunda a pilhagem dos nossos recursos naturais, da nossa diversidade, da nossa cultura. A tecnologia avança na transformação do trabalho, na exclusão de populações, na poluição das riquezas da terra, do ar e da água. As cidades são um reduto dessas mudanças, restando-nos apenas sair delas para pensar, irmos para a selva, para a mata ainda em pé, para a floresta que resiste à invasão das rodovias. Só um pensamento surgido das suas entranhas pode assumir sua emancipação. Esse é o lugar da universidade, não como iluminação, se não como recepção, reconhecimento, acolhida do que aí habita e do que se tem ainda por conhecer. Temos que inverter a lógica, uma razão outra no Outro Brasil, a “Razão Amazônida”<sup>18</sup>.

Justamente, a concentração urbana nas grandes cidades provocou a reforma universitária das classes médias na Argentina em 1918, depois estendida para outros países da América Latina, com exceção das universidades brasileiras, que chegariam nos anos sessenta com Darcy Ribeiro, num sentido bem diferente (TÜNNERMAN, 1998; CAMARGO, 2018). Agora, aquele mesmo processo civilizatório da centralização populacional, que deixou grandes espaços vazios nos campos e desertos, começou seu colapso quando a reforma foi cortada e cooptada pelas ditaduras. Daí em diante, uma série de golpes de estados nas nações vizinhas marcaram a entrada na etapa neoliberal. O poder dos grupos econômicos dominantes venceu e a globalização trouxe o desastre, com milhões de desocupados, explorados e marginalizados do sistema.

Para recapitular, refletimos sobre a primeira revolta popular dos despossuídos e excluídos, a cabanagem na Amazônia, que ocorreu antes da total organização do Estado e, portanto, da universidade brasileira. No século XX, nas décadas de 1960 e 1970, ocorreu a insurgência dos incluídos, trabalhadores, intelectuais e estudantes na América Latina freada pelas ditaduras. Atualmente, transitamos por um mundo que vive uma nova revolução tecnológica, a 4.0, que deixa milhares de pessoas fora dos direitos básicos da terra, do teto e do trabalho. Além do grande perigo para

<sup>18</sup> “Tenho feito uso do termo amazônida nesse trabalho, com o propósito explícito de estabelecer uma diferenciação que caracterize de modo indelével os que nasceram ou habitam na região e cuja maneira de viver traduz suas indissociáveis raízes étnico-culturais demarcadas pela floresta, seus rios e mitos” (RODRIGUES, 2019, p. 183).

a humanidade que representa a possível destruição do planeta que atinge, fundamentalmente, os territórios de maiores recursos naturais. Então, voltemos à pergunta inicial, que fazia Darcy Ribeiro ao reitor Cristovam Buarque na reinauguração da UnB, com o retorno à democracia brasileira: “universidade para quê?”. Sobretudo, onde moram, ainda, os cabocos<sup>19</sup>, onde se estabeleceu uma das cidades mais antigas do Brasil, Santarém, no estado do Pará, hoje atravessada por duas rodovias transamazônicas: a BR-163 e a BR-230. E também onde foi criada a precursora universidade do país, em Manaus.

Por isso, nos centramos na revolução cabana. Já que foi muito além das revoltas nos períodos da gestação da nacionalidade no século XIX pela violência dos envolvidos, os termos da duração e seu alcance político. A mesma, foi feita por cabocos, que a diferença da lógica capitalista do homem com a natureza de apartação-oposição-domínio, é alguém que não luta com ela ao estabelecer relações de respeito e sábia convivência, como parte da sua ecologia integral (RODRIGUES, 2019).

E é essa sabedoria, a fonte onde tem que beber a universidade do século XXI, em diálogo fecundo com os setores populares numa “geopolítica amazônica” dos conhecimentos. Mas esse questionamento da dominação colonial da *cabanagem* tem que ser relacionada com o novo colonialismo excludente do presente. Nesse sentido, é interessante o projeto Amazônia 4.0, dirigido pelo cientista Carlos Nobre, para combinar os saberes tradicionais e os aportes da ciência e da tecnologia na direção de um desenvolvimento sustentável com justiça social (GRAPE ESG, 2021).

Porque como vimos na experiência cabana, a posse do poder do governo não é suficiente, é preciso saber o que faremos com ele. Ademais, é preciso achar uma saída aos diagnósticos da crise civilizatória, dos discursos sobre os discursos, da letra morta dos autores importados para ganhar concursos, bolsas ou reconhecimentos acadêmicos individuais. Enquanto nós estamos abstraídos em nossas bolhas intelectuais, a Amazônia se está convertendo em savana, o planeta fica sem oxigênio, sem água pura, sem futuro: “Se uma vez mais nos deixarmos fazer consumidores de seus frutos, em lugar de dominadores de sua tecnologia nova, as ameaças sobre a

<sup>19</sup> “Entre a denominação de tapuio, contaminada pelos estereótipos pejorativos que carrega, ou utilizar o termo caboco para designar os indivíduos, que ao fim do século XIX constituem a maioria da população na Amazônia, escolhi a forma regionalizada – caboco – e desse modo ser mais fiel ao uso cotidiano do termo” (RODRIGUES, 2019, p. 18-19). Como diz no *Dicionário Folclórico Brasileiro* de Câmara Cascudo, Caboco vem de caá - monte, mato, selva - e boc - retirado, saído, provindo, oriundo do mato.

nossa sobrevivência e sobre a soberania nacional serão ainda mais intensa” (RIBEIRO, 2002, p. 262). Daí a necessidade de uma terceira reforma que a universidade terá, obrigatoriamente, que acompanhar junto – e ao lado – de outros atores sociais para o bem viver.

## REFERÊNCIAS

- AMAZÔNIA 4.0: The Rest Begins. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Grape ESG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qloi8ES5ISY>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- AVEIRO, M. Darcy Ribeiro: procesos civilizatorios y universidad. **Cuadernos Americanos**, Ciudad de México, Año XXV, vol. 2, núm. 136, p. 11-44, 2011.
- AVEIRO, M. Darcy Ribeiro: de la universidad connivente a la universidad necesaria en América Latina. In: ARPINI, Adriana (Coord.). **El Humanismo, los Humanismos. Ideas y prácticas revisadas desde nuestra América**. Mendoza: EDIUNC, 2015. p. 265-275.
- AVEIRO, M. Darcy Ribeiro y la emancipación universitaria: algunas vinculaciones con la reforma argentina. **Universidades**, Ciudad de México, Año LXIX, núm. 75, p. 61-69, enero-mar. 2018a.
- AVEIRO, M. Darcy Ribeiro, reformas universitarias en tránsito. In: JORNADAS DE TRABAJO SOBRE EXILIOS POLÍTICOS DEL CONO SUR EN EL SIGLO XX, 4., 2018, Buenos Aires. **Actas [...]**. Buenos Aires: Bahía Blanca, 2018b. p. 1-15.
- BARROS, M. Grandes projetos, atores sociais e ações locais no baixo Tocantins paraense: o caso de Barcarena. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2014. p. 1-12.
- BOLSONARO: “Es una falacia decir que la Amazonia es patrimonio de la humanidad” [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal El País. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xuCjwHDA41U>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- BR-163: O Brasil na Estrada do Progresso. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (16 min). Publicado pelo canal Ministério dos Transportes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3CB4mDro1g>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- BRAVURA, suor e progresso – Exército e a BR-163. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Exército Brasileiro, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mi4AL5INpdk>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CAMARGO, M. Darcy Ribeiro e a Reforma Universitária de Córdoba: legados para a universidade pública brasileira. **Integración y conocimiento**, [s. l.], vol. 1, núm. 8, p. 107-141, 2018.

CARMO, E. Territórios dos povos das águas marajoaras: saberes e práticas sociais de comunidades ribeirinhas do rio Parauaú. *In*: CASTRO, E. (org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre política e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 293-314.

CASTRO, E. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. *In*: CASTRO, E. (org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre política e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 35-62.

DORIGÃO, A. **Darcy Ribeiro e a reforma da universidade: autonomia, intencionalidade e desenvolvimento**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

EVANDER, P.; TORII, L. **Memórias da Cabanagem**. Belém: SECULT/PA, 2011.

FRANCISCO. **Laudato Si'**: Carta Encíclica sobre el cuidado de la Casa Común. Buenos Aires: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: Exhortación Apostólica Postsinodal. Buenos Aires: Paulinas, 2019.

KOZEL, A. Darcy Ribeiro y el concepto de civilización. **Cuadernos Americanos**, [s. l.], v. 2, n. 164, p. 145-169, 2018.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: da dependência a uma nova situação colonial. *In*: CASTRO, E. (org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre política e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 197-224.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. O “giro decolonial” latino-americano e a razão do Outro: a transmodernidade como deslocamento epistemológico. *In*: CASTRO, E. (org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre política e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 63-84.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A.; ROMERA, E. Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 47, p. 108-137, jan./abr. 2018.

MIGNOLO, W. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-281, enero/jun. 2008.

MIGNOLO, W. **Historias locales / proyectos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Sevilla: Akal, 2011.

NAHUM, J. S. Usos dos territórios, modernização e ações políticas conservadoras em Barcarena-PA. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 45, p. 65-84, 2008.

PEDROSA NETO, C. **Foco de incêndio, às margens da BR-163, na cidade de Novo Progresso, no estado do Pará**. 20 set. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/especiais/o-inferno-de-bolsonaro/>. Acesso em: 10 maio 2023.

PINHEIRO, L. B. S. P. O ensaio geral da Cabanagem: Manaus, 1832. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-10.

RIBEIRO, D. Mesa redonda: La Universidad en América Latina. In: FRONDIZI, Risieri; JADRESIC, Arturo; MAGGILOLO, Oscar; RIBEIRO, Darcy; STORNI, Fernando **Revista Ciencia Nueva**, año III, nro. 19, 1972, pp. 5-9.

RIBEIRO, D. **La universidad peruana**. Lima: Ediciones del Centro, 1974.

RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

RIBEIRO, D. **Las Américas y la civilización**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

RIBEIRO, D. **Universidade para quê?** Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1986.

RIBEIRO, D. **Utopia salvaje: nostalgias de la inocencia perdida. Una fábula**. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1995.

RIBEIRO, D. **Darcy Ribeiro (1922-1997): homenaje**. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1997.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, D. **Revolução Cabana e construção da identidade amazônica**. Belém: EDUEPA, 2019.

ROITMAN, R. **¿Exclusión o reconocimiento?: la economía popular argentina en la Revolución 4.0**. Buenos Aires: CICCUS, 2021.



SILVA DE MELO, W. **Tempos de revoltas no Brasil Oitocentista: ressignificação da Cabanagem no Baixo Tapajós (1831-1840)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

TRANSAMAZÔNICA foi criada com o objetivo de libertar nordestinos da seca. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Câmara Record. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wIzPfSv3SAM>. Acesso em: 28 abr. 2022.

TUFFANI, E. Centenário da universidade brasileira: para a história da universidade de Manaus (1909/1910-1926). *Soletras*, São Gonçalo, ano IX, nro. 17, p. 64-80, 2009.

TÜNNERMAN, C. La reforma universitaria de Córdoba. *Educación superior y sociedad*, [s. l.], vol. 9, núm. 1, p. 103-127, 1998.

TÜNNERMAN, C. **Noventa años de la Reforma Universitaria de Córdoba (1918-2008)**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

VILLEGAS, A. **La universidad en la encrucijada**. México: UDUAL, 1992.

WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito: Abda-Yala, 2013. t. 1.

